



Afirmção da identidade no texto “Bonecas pretas do quilombo de Conceição das Crioulas”

Ilca Suzana Lopes Vilela*

Resumo: Neste artigo, sob a perspectiva da semiótica greimasiana, refletimos sobre a seguinte questão: O que é e como se produz o efeito de sentido de afirmação da identidade? A partir de discussão teórica e de sua incidência na análise do texto bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas, observamos que a identidade semiótica é um simulacro e para o efeito de sua afirmação são necessários elementos sintáticos que produzam a repetição que, no discurso das bonecas, realiza-se, principalmente, com o recurso à isotopia, à aspectualização e à tensividade.

Palavras-chave: afirmação da identidade, bonecas pretas do quilombo de Conceição das Crioulas, semiótica greimasiana

Introdução

Peer Gynt, a peça cujo texto foi publicado em 1867, deveria ser lida e sobre ela se deveria ponderar nos dias de hoje por todas as pessoas frustradas e perturbadas pelo caráter ilusório da identidade - e isso significa, todo mundo. Todos os problemas atuais foram, profeticamente, previstos e abordados nela.

(Bauman, [2004] 2005, p. 97)

Escrita pelo teatrólogo norueguês Henrik Ibsen, a peça aludida por Bauman, na epígrafe, traz, no título, o nome do protagonista desse drama poético. Esse personagem tem sua narrativa contada a partir dos seus 20 anos, e o desenrolar da história vai se estender até a velhice de Peer Gynt, o qual, em todo o seu percurso, orienta-se por ser fiel a si mesmo ou, nas palavras desse herói de Ibsen: “eu sou eu mesmo, dos pés à cabeça”¹.

O lema de Peer Gynt, de fato, é interessante para pensar sobre questões que estão na ordem do dia, dentre as quais, a problemática da identidade pós-moderna. Isso porque tal lema suscita uma necessidade que nos acompanha desde cedo, a saber: sentir-se seguro quanto ao que se é. Esse sentimento de segurança sobre si mesmo será reforçado pelos “discursos da cultura [os quais] confortam-nos e reforçam esse sentimento, no sentido de crença, providenciando-nos um sem número de etiquetas: nome próprio, número de

identidade, nacionalidade (identidade nacional), cor, raça etc.” (Beividas; Ravello, 2006, p. 135).

Porém, há algum tempo, estudiosos têm questionado, justamente, essa noção de uma identidade fixa, segura em suas âncoras no “real”. Entre esses estudiosos ganharam bastante destaque, e alcance mundial, aqueles que promovem pesquisas filiadas à matéria denominada Estudos Culturais - a qual, *grosso modo*, interessa-se por desenvolver trabalho crítico concernente à concepção das identidades contemporâneas, qualificando-as como fragmentadas, devido aos processos complexos instaurados pelas sociedades atuais.

Não obstante, se, como Peer Gynt, ansiamos por conquistar aquele sentimento de permanência em si mesmo, e vamos, *pari passu*, construindo para nós uma narrativa de afirmação de uma “identidade verdadeira”, chegaremos, mais cedo ou mais tarde, ao desenlace gyntiano - a descoberta de que a crença num “eu” firme e imutável, seguindo nossa duração, é apenas ilusória.

Entretanto a identidade tende a ser considerada de maneira essencializada, naturalizada e cristalizada pelo senso comum, em contraposição aos debates desenvolvidos pelos Estudos Culturais, que se orientam sob o prisma de que as identidades não são unificadas, mas sim, negociáveis e crivadas de contradições. Concordando com essa perspectiva dinâmica e mutável das identidades, mas sem, com isso, negar a necessi-

* Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns UFRPE. Endereço para correspondência: (llca-suz@yahoo.com.br).

¹ Je suis moi-même, je le suis des pieds à la tête (Ibsen, 1949, p. 174).

dade de deprender traços de unidade para a própria possibilidade de encontrar as diferenças, retomamos nosso viés de reflexão: o do discurso.

A temática da identidade, de acordo com Harkot-de-La-Taille (2012), tendo-se em conta apenas os estudos sobre o discurso, integrou a reflexão acadêmica nos anos finais de 1990. No Brasil, em consulta ao acervo da Universidade de São Paulo, a autora verificou a data de 1972 como aquela em que figurou o termo identidade em título de tese; e o ano de 2006, como o do ápice dos doutoramentos sobre tal temática na referida instituição, com 24 trabalhos nesse nível de pesquisa.

No âmbito dos estudos da Semiótica greimasiana desenvolvida neste país, também crescerá o número de investigações cujo objeto é o papel do *éthos* na construção do efeito de sentido de identidade. Nessa direção, relevantes pesquisas, coordenadas por Norma Discini (2009), têm sido feitas desde os anos 2000. A autora, propondo uma estilística discursiva, focalizou o *éthos* e promoveu fecundo diálogo entre semiótica e retórica (Harkot-de-la-Taille, 2012).

Este trabalho insere-se, portanto, no curso dessas reflexões que pensam as identidades dos sujeitos como construções discursivas, e não como entidades ontológicas. É preciso, então, atentar para a discussão sobre o processo de produção das identidades em perspectiva semiótica.

1. O problema das identidades a partir da abordagem semiótica

No âmbito da semiótica greimasiana, a identidade se define, dentre outras acepções, como “princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar o ‘mesmo’, ‘persistir’ no seu ‘ser’ ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre” (Greimas; Courtés, [1979] 2008, p. 252). Notamos aí uma ideia de recorrência que pode estar alojada na constância de actantes ou papéis actanciais, de atores, de percursos temático-figurativos etc., que vêm à tona na prática analítica.

Sendo relevante a condução de análises de textos cujo centro é a identidade, não menos importante é o caso daqueles de afirmação da diferença. Trata-se de discursos que, tomando a identidade como base para a ação, têm sua origem no movimento feminista, o qual, ao apregoar a máxima de que “o pessoal é político” (Hall, [1992] 2006, p. 45), politizou a subjetividade, a identidade e a identificação. Com isso, cada movimento chamou pela identidade social de seus signatários. Assim, os antibelicistas se dirigiram aos pacifistas, as lutas raciais, chamaram pelos negros, entre outros. Nasce, então, a política de identidade – a cada movimento, uma identidade (Hall, [1992] 2006).

Daí que, nesses espaços discursivos, a afirmação da

identidade do sujeito tornou-se questão crucial, sendo, pois, necessário entender o que significa esse afirmar. Para isso, é preciso ultrapassar a tradição gramatical que, centrada na frase, explica que a afirmação é apenas uma declaração, uma informação sem maiores consequências para o percurso do sujeito semiótico. Para essa tradição, a afirmação diz respeito tão somente aos “enunciados informativos (ou não-modalizados), uma vez que a produção delas [frases afirmativas] sustenta, implicitamente, um ‘eu digo’ e nada mais” (Greimas; Courtés, [1979] 2008, p. 24). Essa ideia de afirmação deve ser, pois, ampliada. Isso demanda ir do âmbito frasal ao da semiótica para redimensionar o sentido de *afirmar* no plano textual-discursivo.

O dicionário da língua – como repositório do léxico de uma coletividade linguística – fornece o primeiro acesso para deprender sentidos de um lexema. Segundo Houaiss ([2001] 2008, p.104), *afirmar* é:

Tornar-(se) ou fazer-(se) firme, estabelecer-(se), fixar-(se), consolidar-(se). Declarar com firmeza; dizer (algo) assumindo o caráter de verdade do que é dito; sustentar; asseverar. Assegurar a veracidade ou existência de (algo); certificar; comprovar; atestar. Fazer nome, tornar-se bem conceituado. Auto-afirmar-se.

Ao menos duas indicações são oferecidas nessa definição:

1. Aspectualmente, a duratividade. Classemas como estabilidade e solidez, abrigados na profundidade lexicêmica, do ponto de vista do processo, equivalem aos semas da continuação ou da duração.
2. Tensivamente, a intensidade e a extensidade aumentam. Ocorre um equilíbrio, ou correlação (quanto mais ... mais), entre a intensidade dos afetos (notável na força da paixão da firmeza) e o máximo de duração de um evento (discretizado em uma sequência de ações: certificar, comprovar, atestar, fixar, estabelecer e, assim, consolidar-se, afirmar-se e auto-afirmar-se). À medida que aumenta o sensível também aumenta o inteligível, de modo que podemos imaginar aí uma curva ascendente.

Essas indicações podem ser mais bem qualificadas; para isso, começaremos pela aspectualização.

Tradicionalmente explorado pelos linguistas em relação à estrutura verbal, o aspecto, em semiótica, diz respeito ao discurso e caracteriza os atores, os espaços e os tempos discursivizados. Instalado no discurso, o sujeito observador contempla e segmenta o fazer em curso no enunciado. Temporalmente, em termos de incoatividade (aspecto inicial ou pontual), duratividade (contínua ou descontínua/iterativa) ou

terminatividade. Embora a aspectualização do tempo tenha se beneficiado de maior desenvolvimento conceitual até o momento (Greimas; Courtés, [1979] 2008), podemos considerá-la, quanto ao espaço, em seu vínculo com a abertura ou o fechamento e, actorialmente, relacionada ao excesso ou à insuficiência dos sujeitos.

Um sujeito que precisa tornar-se ou fazer-se firme e seguro não se encontra conjunto com a firmeza e a segurança, portanto, é insuficiente. Essa busca pela base sólida, pela estabilidade, se levada às últimas consequências, fecha o espaço em “si mesmo” com vistas a fazer nome, tornar-se bem conceituado, auto-afirmar-se. Tudo leva a crer que esse estado de coisas se dá de um modo cursivo. É preciso duração temporal para que um sujeito consiga se afirmar e, mais que isso, auto-afirmar-se. Ou não seria coerente considerar que, se precisa de tempo para se firmar numa carreira, numa profissão, para se autoafirmar como artista, para consolidar a “imagem de si” veiculada pelos discursos de afirmação da identidade, dentre outros. Podemos antever um processo que instaura uma sequência de operações em prol do objeto-valor afirmação (auto-afirmação), em que a repetição, como o operador da iteratividade, ganha toda pertinência. Para o sujeito que não apenas quer ser suficientemente firme e seguro, mas, sobretudo, deseja ser o protagonista da ação de afirmar-se, o recurso à repetição é incontornável, afinal, “o que for repetido será embreado e permanecerá na memória” (Lopes, 2010, p. 47).

Nesse percurso de busca da afirmação do sujeito, tanto os estados de alma (o sensível) quanto os estados de coisas (o inteligível) são mobilizados. O esquematismo tensivo (Zilberberg, [2006] 2011), hipótese de trabalho fecunda para lidar com a coexistência dessas duas dimensões do sentido em semiótica, deve ser considerado. A tensividade, que é responsável pela aspectualização e intensificação nos textos, ao integrar a afetividade, nos estudos semióticos, parte da ideia de que o sensível rege o inteligível e que os valores são complexos, logo, não excludentes, e resultam do cruzamento das dimensões da intensidade – cujas subdimensões são o andamento (lento, rápido) e a tonicidade (fraco/átono, forte/tônico), e extensidade – cujas subdimensões são o espaço (aberto, fechado) e o tempo (breve, longo).

Conquanto seja uma hipótese, cuja validade ainda está sendo testada, atualmente, o esquematismo tensivo parece um modelo produtivo para o tratamento dos afetos, das paixões, das relações corpo e sentido, entre outras instâncias que trouxeram à tona o contínuo e a complexidade no processo de significação. Ademais, ao se considerar a indissociabilidade entre sensível e inteligível, amplia-se o escopo de análise semiótica, assim como seu instrumental para lidar com objetos das mais variadas formas de expressão. Nesse sentido, se há textos cujos esquemas a Propp ([1928]1984) respon-

dem satisfatoriamente, há outros que colocam desafios consideráveis para o analista.

Cuidamos da tensividade, no lexema *afirmar*, ao observamos, em níveis mais profundos, a modalidade do querer. De fato, “o querer é essa vontade e essa emoção que dá partida ao movimento narrativo” (Lopes, 1989/1990, p. 156). E, ao passo que torna presente a intensidade dos afetos de um sujeito que necessita de afirmação, na mesma medida, tornam-se mais duradouros os efeitos da extensividade. Ocorre uma estrutura de correlação inversa do tipo implícito (quanto mais . . . mais). Quanto mais o sujeito quer se afirmar, mais forte é a tonicidade dos afetos sobre ele, mais longo é o tempo, tornando o andamento mais lento e o espaço mais concentrado, visando ao transporte do seu estágio de não conjunção (sujeito da insuficiência) para conjunção com a afirmação (sujeito da suficiência).

Depois de discutirmos, a partir do lexema *afirmar*, hipóteses de conceitos semióticos (aspectualização e tensividade) relevantes para o exame do processo de construção do efeito de sentido de afirmação da identidade dos sujeitos, é preciso observar, no nível do texto, a rentabilidade de tais conceitos e, desse modo, ao avançar a ambiência lexemática, contribuir para entender práticas discursivas de sujeitos de nosso tempo, especificamente, as dos quilombolas.

2. O contexto quilombola

No Brasil, o discurso quilombola foi difundido por textos diversos de diferentes áreas do conhecimento. Consequentemente, uma temática quilombola sedimentou-se e, em vista dos variados aspectos que a cercam, tornou-se um tema interdisciplinar que abrange questões conceituais, normativas e técnicas. Indissociáveis dos conteúdos de tal discurso, essas questões têm sido fomentadas pela definição legal atribuída aos quilombolas pela Constituição vigente, em seu Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, 1988, p. 189).

Inquirir, na atualidade, sobre os sentidos tributáveis às “comunidades remanescentes de quilombos” incide, efetivamente, no campo discursivo. A opção por tal campo objetiva a que as perspectivas essencialistas – sejam biológicas ou culturais – que permearam estudos voltados para aspectos como raça e etnia, uma vez submetidas à necessária crítica, avancem para perspectivas que concebam a identidade quilombola como construção feita discursivamente. A visão discursiva, desfazendo as antigas perspectivas de um sujeito fixo e unitário, oferece meios de lidar com os processos dinâmicos que produzem as identidades atualmente.

Nesse sentido, ao centralizarmos os debates no tema

quilombola, e recorrermos a estudos da História, da Sociologia e da Antropologia, vimos que estes apontam a amplitude polissêmica que se abre àqueles que procuram definir o termo *quilombo* (Silva, 2000; Schmitt, A. et al. 2002; Leite, 2000, 2008). Além da ênfase na complexidade do fenômeno, cuja linhagem histórica remonta ao Quilombo dos Palmares, os autores citados parecem concordes em que, na atualidade, o conceito deva alargar-se de forma a incluir as diferentes maneiras com que foram configurados os diversos quilombos brasileiros, o que, longe de ser uma reminiscência histórica, um achado arqueológico, ou tampouco a sede de tipos humanos isolados em uma cultura homogênea, remete a uma organização política e a coletividades diversas nos modos e formas de resistência, para manutenção de um território compartilhado e de uma identidade étnica específica.

No enfrentamento cotidiano de inúmeros impasses e desafios, a figura do quilombo instala uma conjuntura bastante abrangente, cuja diversidade de atores e de

suas práticas socioculturais é reativa à exclusão histórica perpetrada por um ideal homogêneo de Nação. Ao polemizar com essa homogeneidade excludente, o movimento quilombola investe no debate da mudança social por meio da almejada sociedade plural e efetivamente democrática. Com efeito, “as transformações que o quilombo instaura são muito mais amplas e, portanto, de cunho eminentemente identitário” (Leite, 2008, p. 975).

Advertem-nos Munanga e Gomes (2006) que, se da mobilização em torno do Art. 68 da Carta Magna emergiram os quilombos de Frechal (MA), Rio das Rãs (BA), Kalunga (GO), Furnas da Boa Sorte e Furnas de Dionísio (MA), Conceição das Crioulas (PE), entre outros, deve-se sempre cuidar para que esse dispositivo constitucional não alcance tamanha generalização que suprima o que é diverso e particular. É no tocante à relevância de trazer à baila narrativas que nos contem um pouco de um quilombo específico que selecionamos para esse estudo semiótico, o texto seguinte.



Figura 1: As bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas.

3. Análise do texto bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas

O texto bonecas pretas² é uma totalidade sincrética, cuja semiótica aciona diferentes linguagens de manifestação, a saber: verbal, visual e tátil. Cada uma das bonecas remete a uma mulher que, para a comunidade, tem grande importância no processo histórico de reconstrução político-identitário desse contingente.

Cada boneca vem dentro de um *folder*, em cujo anverso observa-se, primeiramente, por sobre um fundo preto, uma faixa central, em que está impressa a logomarca da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. Em seguida, vem o nome e uma pequena narrativa da boneca inserida no *folder*:



Figura 2: Anverso do *folder*.

² As fotografias são de autoria de Daniela Nery Bracchi, salvo indicação em contrário. Todas as bonecas estão disponíveis na sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, em Salgueiro (PE).



Figura 3: Verso do *folder*.

Acima, no verso do *folder*, considerando a mesma ordem com que se observou o anverso, há um texto geral, que apresenta todas as bonecas, dividido em dois blocos por especificações técnicas da boneca, seguido da logomarca e do endereço da AQCC e, por fim, logomarcas de parceiros do projeto artesanal.

Afixada ao *folder* vem uma etiqueta. Na parte externa, em sentido horário, há especificações técnicas da boneca; em seguida, informações sobre o projeto artesanal, logomarcas dos parceiros e, por fim, a logomarca da AQCC:



Figura 4: Parte externa da etiqueta

Na parte interna da etiqueta, também em sentido horário, há especificações técnicas da boneca; em seguida, informações sobre o projeto artesanal e sobre o local onde as bonecas podem ser adquiridas; por fim, a assinatura do artesão e o preço da boneca:



Figura 5: Parte interna da etiqueta

3.1. Aspectualidade

Tendo apresentado o *corpus*, a análise sob ângulo semiótico segue as intuições que nos foram sugeridas pelo cotejo do verbete afirmar. Vimos que, para produzir o efeito de sentido de afirmação da identidade,

é preciso uma aspectualização durativa. Ora, se um sujeito precisa tornar-se ou se fazer firme e seguro, é porque ele se encontra disjunto da firmeza e da segurança, sendo, pois, marcado pela insuficiência, o que desencadeará um percurso de busca do objeto-valor afirmação.

Para depreensão desse percurso, nossa primeira hipótese é a de que as bonecas pretas são uma sinédoque de espaços, tempos e atores de Conceição das Crioulas. Segundo Fiorin (2014), a sinédoque é um tropo em que se transferem sentidos simultâneos que equivalem a um todo de sentido. Noutros termos, trata-se de uma relação de sentido em que a parte inclui o todo. Para entendermos melhor isso, vejamos o texto de apresentação das bonecas, o qual se encontra no verso do *folder*:

“Esta boneca negra é o símbolo da luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas. Cada modelo foi desenvolvido a partir de desenhos das mulheres da comunidade, elaborados pelos jovens. Cada uma representa uma personagem marcante da história desse povo que soube a partir da união vencer grandes desafios e que continua forte e atuante na luta das comunidades quilombolas.

A 42 km de Salgueiro - município do sertão pernambucano, encontra-se Conceição das Crioulas, uma comunidade remanescente de quilombo que redescobriu as suas raízes através da atividade artesanal, uma forma de geração de renda e recuperação da auto-estima.

Hoje seus cerca de 4.000 quilombolas,(sic) voltam os seus olhos para materiais como o caroá, o barro e o catulé e enxergam a possibilidade de dias melhores.

Mas o povo de Conceição quer mais. Quer ter a liberdade para expandir seus domínios, levando com orgulho a sua arte para além da caatinga cercada de xique-xiques”.

Ao descrever as “bonecas pretas”, o enunciador estabelece um tipo de relação em que a parte (as bonecas) comporta o todo (Conceição das Crioulas). Consequentemente, a figura /bonecas/ inclui toda a narrativa do conjunto de mulheres e homens desse quilombo. Estes, figurativizados como artesãos de bonecas, têm a competência para o fazer artesanal, uma atividade pragmática executada pelo sujeito artesão que pressupõe saber e querer fiar, mas também o poder, já que esse sujeito tem a matéria-prima para tal fazer. São, portanto, o saber, o querer e o poder as modalidades que competencializam o sujeito artesão para realizar a performance de fazer bonecas.

Notório também, nesse discurso, é que as dimensões básicas que estruturam, semioticamente, as narrativas

humanas, a ação (fazer), a cognição (saber) e a paixão (querer), atualizam-se, pois por meio do percurso narrativo do sujeito artesão que, ante as disforias impostas pelo anti-destinador constituído pela herança de condições desfavoráveis na sociedade – as quais se concretizam como “grandes desafios” e tematizam-se como latifúndio, passado escravista, miséria econômica, discriminação racial, entre outros – ao acionar os papéis actanciais saber-fazer artesanato e querer-estar conjunto com “dias melhores”, viabiliza um programa de uso (fazer artesanal) como auxílio para a realização do programa principal da narrativa (“dias melhores”). Esse esquema actancial, tendo sido investido de modo temático e figurativo (tema da resistência negra, figurativizado por boneca negra, povo de Conceição etc.) e de ator-tempo-espaco (quilombolas, hoje, comunidade remanescente de quilombo), ganha em especificidade, ou seja, delimita uma identidade.

3.2. Isotopias

Ao particularizar o discurso quilombola com figuras e temas que se reportam ao Quilombo de Conceição das Crioulas, o sujeito da enunciação infunde no texto “bonecas pretas” traços identitários dessa comunidade. As isotopias – cuja função é a de garantir a coerência semântica e a homogeneidade sintagmática ao longo de um discurso pela recorrência de unidades temáticas, figurativas, entre outras – são o recurso propício à identificação de tais traços.

Sabemos, conforme Fiorin (2009), que a noção de isotopia é bastante relevante uma vez que “permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos plurissignificativos e definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso” (p. 117). O semioticista ainda nos explica que, para apreensão das diferentes isotopias superpostas, é preciso observar os elementos encadeadores e desencadeadores de isotopias, sendo que as metáforas e as metonímias “podem ser tomadas como conectores de isotopia, que permitem passar de uma isotopia a outra num texto pluri-isotópico” (Fiorin, 2009, p. 119).

No caso do *corpus* em estudo, a sinédoque, que é um tipo de metonímia, tem a função de conectar isotopias. No *texto de apresentação das bonecas*, exposto acima, apreendem-se as principais linhas isotópicas dele.

O mais rápido lance de olhos, nesse texto, certamente, há de se concentrar na figura *resistência*, uma vez que as “bonecas pretas” são caracterizadas, textualmente, da seguinte maneira: “Esta boneca negra é um símbolo da luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas”. Começaremos, então, pela definição desse vocábulo:

Resistência *s.f.* ato ou efeito de resistir 1 qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo 2 o que se opõe ao movimento de outro corpo, forçando-o à imobi-

lidade 3 capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço 4 recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação 5 luta que se mantém como ação de defender-se; defesa contra um ataque 6 fig. reação a uma força opressora 7 qualidade de quem demonstra firmeza, persistência [...] (Houaiss, [2001] 2008, p. 2.438).

Cobrando campos da eletrônica, imunologia, psicanálise, militar, jurídico, patologia, a resistência pode ser limitada à sua acepção etimológica: “ato ou efeito de resistir, de não ceder” (Cunha, 1991, p. 679). Seja homem, patógeno ou um corpo qualquer, temos, sempre, quer uma ação de um sujeito contra um antissujeito, quer a consequência desse agir (movimento, reação, força em sentido oposto). Definindo o núcleo sêmico de *resistência*, podemos considerar que ele comporta traços relacionados à “ação” e à “reação”. Traduzidos em termos tensivos, o antissujeito, por meio de um antiprograma, desencadeia uma /parada/; o sujeito, por consequência, impõe seu programa emissivo, ou seja, faz cessar a parada e estabelece a /continuação/ (Zilberberg, [1988] 2006, p. 133).

Na figura da “iteração”, concernente a “processo de resolução de uma equação mediante operações em que sucessivamente o objeto de cada uma é o resultado da que a precede” (Houaiss, [2001] 2008, p. 1.660), observamos a lógica da implicação, já acusada na relação causa-efeito a que aludíamos anteriormente. Esta, no sentido gramatical, diz respeito a um tipo de vínculo que trata das “porções da informação [que] vêm enredadas” (Neves, 2000, p. 814).

Como já salientamos, as “bonecas pretas” são uma sinédoque do povo de Conceição e, por conseguinte, de suas aspirações, para cuja realização impõe-se, marcadamente, a resistência. Esta, observada sob a relação implicativa entre ação e reação, estende-se ao longo da estrutura descritiva presente no *texto de apresentação das bonecas*. Assim, se se impõe a força dos “grandes desafios”, a comunidade reage e elabora bonecas que guardem traços da história dessa comunidade. Ações com vistas à auto-estima e à geração de renda são deflagradas; a comunidade contrapõe-se aos problemas vividos, por meio da prática de artesanato. Se ocorrem eventos que tornam os dias disfóricos, os cerca de 4.000 mil quilombolas enxergam nas raízes de seu ecossistema e em seu trabalho “a possibilidade de dias melhores”. Tendo um espaço fechado como consequência da opressão, o povo de Conceição busca na arte os meios de “ter a liberdade para expandir seus domínios”.

Antes de passarmos à próxima isotopia, é preciso dizer que o traço figurativo da resistência é preservado nos seguintes elementos: *luta, vencer grandes desafios, forte, atuante, recuperação*.

A isotopia da *sustentação* é outra linha de leitura

que se conecta à figura “boneca”, a qual está em acordo com as seguintes entradas da definição de Houaiss ([2001] 2008, p. 2.649):

Sustentação. s.f. ato ou efeito de sustentar(-se). 1 abastecimento renovado do conjunto de substâncias necessárias à conservação da vida; nutrição, alimentação, sustento 4 ato ou efeito de conservar; conservação, manutenção.

Entre o excesso e a insuficiência, a sustentação, em profundidade, corresponde à suficiência, o que associa a direção do sentido à continuidade, ou seja, ao aumento ou à diminuição dos afetos nos textos. Para mostrar o funcionamento disso no *corpus* em exame, é preciso lançar mão da semiótica tensiva que, conforme vimos na seção anterior, diz respeito à análise da intensidade (os estados de alma ou o contínuo) e da extensidade (os estados de coisas ou o descontínuo) presentes em todo discurso.

No *texto de apresentação das bonecas*, o sujeito quilombola não esconde a euforia relativa à força de sua comunidade para empreender a mudança social necessária (“povo que soube a partir da união vencer grandes desafios e continua forte e atuante na luta das comunidades quilombolas”). Com efeito, diante do quadro de insuficiência dos atores (“o povo de Conceição quer mais [...] quer ter a liberdade”), do espaço (“liberdade para expandir seus domínios, levando com orgulho a sua arte para além da caatinga cercada de xique-xiques”) e do tempo (“possibilidade de dias melhores”), instala-se também a disforia, em razão da timia negativa que se aloja em figuras como “caatinga cercada de xique-xiques”, por meio das quais se torna implícita a falta ou insuficiência.

Essa falta, no nível narrativo, desencadeará o percurso de busca por parte do sujeito quilombola. O valor eufórico que vinha dominando o texto verbal de que nos ocupamos confronta-se com a disforia causada por ser o sujeito coletivo³ quilombola circunscrito a um espaço fechado, o qual, impondo limites, e nesse aspecto a figura “cercado” é bastante elucidativa, solicita uma resolução. É preciso, pois, para que a narrativa se desenvolva, que uma competência mínima seja instaurada. Ora, o próprio texto, a partir das figuras “quer mais” e “quer ter”, a todas as luzes, mostra-nos que o querer é o móvel desse percurso. Se “o querer é essa vontade e essa emoção que dá partida ao movimento narrativo” (Lopes, 1989/1990, p. 156), entra em cena não apenas uma competência necessária ao sujeito quilombola, na performance pelo objeto-valor sustentação,

a qual, em termos tensivos corresponde à suficiência espacial, actorial e temporal, mas se instaura o próprio tônus da paixão. Faz-se necessário, portanto, buscar meios para prover a comunidade da sustentação. O sujeito quilombola aposta na redescoberta “de suas raízes através da atividade artesanal, uma forma de geração de renda e recuperação da auto-estima”. É, em razão disso, que textualmente podemos ler que “hoje seus cerca de 4.000 quilombolas, voltam os seus olhos para matérias como o caroá, o barro e o catulé e enxergam a possibilidade de dias melhores”.

É importante destacar, antes de passarmos à última das isotopias traçadas, o elenco dos elementos que reiteram, no *texto de apresentação das bonecas*, a linha isotópica da sustentação: *história, redescobriu as suas raízes, atividade artesanal, geração de renda, caroá, barro, catulé, expandir seus domínios*.

A última isotopia que traçamos é a da feminilidade, no sentido de “qualidade ou caráter de mulher, atitude feminina” (Houaiss, [2001] 2008, p.1.324). Relevante enfatizar que, embora, ao traçar essas isotopias tenhamos nos concentrado no *texto de apresentação das bonecas*, observamos, no entanto, que elas são reiteradas nos diversos enunciados que compõem a totalidade de sentido “bonecas pretas”. Usando como exemplo apenas a isotopia da feminilidade, notamos esses traços nos textos de apresentação de cada boneca: Lurdinha, professora e artesã; Mãe Magá (Margarida), parteira; Madrinha Lurdes, ceramista; Josefa, artesã da palha do catolé; Liosa (Emília), contadora das histórias dos antepassados; Antônia e Ana Belo, fiadeiras de algodão; Generosa, a líder política; Júlia, artesã do caroá; Francisca Ferreira, a fundadora. Há também na figura visual da logomarca da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC, imagem de mulher sorrindo (vide figura 4), entre outros.

Restringindo-nos ao *texto de apresentação das bonecas*, destacamos as figuras *boneca, negra, mulheres, uma personagem*, cuja presença atualiza a isotopia da feminilidade.

Após apresentarmos as principais isotopias (resistência, sustentação, feminilidade) selecionadas pelo sujeito da enunciação e conectadas pela figura “boneca”, é importante enfatizar o seu uso na criação do efeito de afirmação da identidade. De fato, a noção semiótica da isotopia, cuja operatividade está a cargo da recorrência de semas, é de grande relevância na arquitetura do tipo de significação antes aludido, o que faz com que a repetição ocupe uma posição privilegiada na construção desse efeito. Afinal, apenas se tornará firme uma identidade caso seja repetida; consequentemente, só assim se pode aventar a preservação de um

³ Na acepção greimasiana, referente aos actantes coletivos paradigmáticos: “uma classe do último ano num colégio, um grupo social reconhecido em determinada sociedade, não se caracterizam pela possibilidade de integração dos atores-indivíduos que os constituem num processo programado de conjunto; eles dependem a) de uma divisão classificatória de uma coletividade mais ampla e hierarquicamente superior (colégio, comunidade nacional), b) operada à base de critérios-determinações que os atores possuem em comum (seu campo funcional ou suas qualificações específicas)” (Greimas, [1976] 1981, p. 85).

discurso identitário.

3.3. Tensividade

O vínculo indissociável entre resistência e sustentação é algo notável. Convém conceber o intervalo que mostre a medida dos afetos oriunda do vínculo entre esses sememas. Primeiramente, destacamos o definidor da resistência, que é a força, cuja descrição em graus é tônica, forte, acentuada. Já a sustentação segue o curso contrário, uma vez que, cifrada pela suficiência, tem direção atenuante, logo, ao que sobrevém com grau tênue.

Com isso, colocamo-nos diante das formas elementares da variabilidade tensiva, em que são admitidos o *mais* e o *menos* “como unidades extremas da progressividade e da degressividade” (Zilberberg, [2006] 2011, p. 55). Dessa maneira, essas unidades permitem aferir

a qualidade e a quantidade dos afetos na tessitura textual, que é o mesmo que responder à interrogação sobre como e quanto do sensível se faz presente nos textos. As unidades *mais* e *menos* sofrem combinações em que, caso haja o extremo da tonicidade (o ponto máximo de ascendência), apenas haveria a realização do *mais*, o que causa a saturação. No entanto, se for retirado *mais*, ocorre a atenuação, porque teremos *menos mais*. Seguindo esse curso da descendência, chegaremos a cada vez *menos mais*, de onde decorre a minimização. Caso se atinja o ponto extremo da descendência, em que só há menos, chega-se à extenuação. Para que haja continuidade discursiva, é preciso *menos menos*, o que permite o restabelecimento. O investimento nessa progressividade do discursivo gera o *mais mais*, instaurador do recrudescimento da tonicidade. Visualizemos isso a partir deste quadro:

N1 descen- dência	N2 atenuação [cada vez menos <i>mais</i>] ↓		N2 minimização [cada vez mais <i>menos</i>] ↓	
	N3 moderação ↓ ≈ retirada de pelo menos um <i>mais</i>	N3 diminuição ↓ ≈ retirada de pelo mais de um <i>mais</i>	N3 redução ↓ ≈ acréscimo de pelo menos um <i>menos</i>	N3 extenuação ↓ ≈ acréscimo de mais um <i>menos</i>
N1 ascen- dência	N2 restabelecimento [cada vez menos <i>menos</i>] ↓		N2 recrudescimento [cada vez mais <i>mais</i>] ↓	
	N3 retomada ↓ ≈ retirada de pelo menos um <i>menos</i>	N3 progressão ↓ ≈ retirada de pelo menos mais de um <i>menos</i>	N3 ampliação ↓ ≈ acréscimo de pelo menos um <i>mais</i>	N3 exaustão ↓ ≈ acréscimo de mais um <i>mais</i>

Figura 6: Quadro com os tipos de arranjos das formas elementares da variabilidade tensiva (Zilberberg, [2006] 2011a, p.60).

Aplicado ao *texto de apresentação das bonecas*, esse raciocínio tensivo inflete a intensidade cifrada na resistência. De fato, é mister que o sujeito quilombola esteja munido de uma resistência obstinada para sair da condição de insuficiência e chegar à de sustentação comunitária. Por conseguinte, ao se encontrar no rumo da extenuação dos recursos necessários à manutenção, sejam os de valores práticos (“geração de renda”) sejam os utópicos (“recuperação da auto-estima”), o sujeito quilombola orienta seu discurso para o restabelecimento. Para tanto, é necessário, no mínimo, um *mais* para que ocorra a variação nesse discurso – essa orientação para a progressividade explicita-se claramente: “Mas o povo de Conceição quer mais. Quer ter a liberdade para expandir seus domínios, levando com orgulho a sua arte para além da caatinga cercada de zique-xiques”.

Sabemos que o curso da progressividade depende da tonicidade afetiva, e embora tenhamos acentuado acima o querer como propulsor da instauração das emoções nos discursos, devemos também salientar a relevância do semema resistência. Conforme Bertrand ([2000] 2003), a própria razão de ser da resistência é alimentar a vontade de um obstinado. Sendo assim, inscrita e codificada no tecido do texto, a resistência implica a paixão obstinação.

Ocorre que a disposição em jogo, na constituição das modalizações do ser característico da paixão obstinação, é a de um “sujeito capaz de continuar a fazer”, é a de um “fazer apesar de X”. Instala-se um paradoxo, pois se tem “um querer-fazer que sobrevive a um não poder-fazer, que lhe serve até de reforço; um fazer que não cessa” (Greimas; Fontanille, [1991] 1993, p. 63).

No nível discursivo, por conseguinte, essa estrutura de um fazer recorrente, iterativo, concretiza-se, por meio da prática da produção da boneca, em um fazer para “vencer grandes desafios” impostos, historicamente, ao contingente negro em sua luta pela sobrevivência; mas também no próprio percurso de reconstrução identitária, a partir do saber tradicional da atividade de artesanato; assim como no crer na “possibilidade de dias melhores”, cuja geração se funda nos recursos que da natureza adversa do sertão puderam transformar-se em matéria-prima do ousado projeto de ultrapassar suas próprias fronteiras territoriais (cf. Vilela, 2012).

Em suma, a obstinação dirige-se ao restabelecimento, correlacionando-se à sustentação, que figuradamente instaura a suficiência. Morfológicamente, isso diz respeito ao *menos menos*. Se, no entanto, a paixão em jogo fosse a da docilidade, teríamos a extenuação discursiva pela insuficiência, ou seja, só *menos*. Outra possibilidade passional seria a de um sujeito quilombola obcecado que, em termos tensivos, é dado a excessos, ou, figurativamente falando, à ostentação. Nesse caso, o morfema em jogo é só *mais*. O gráfico

seguinte permite uma melhor visualização:

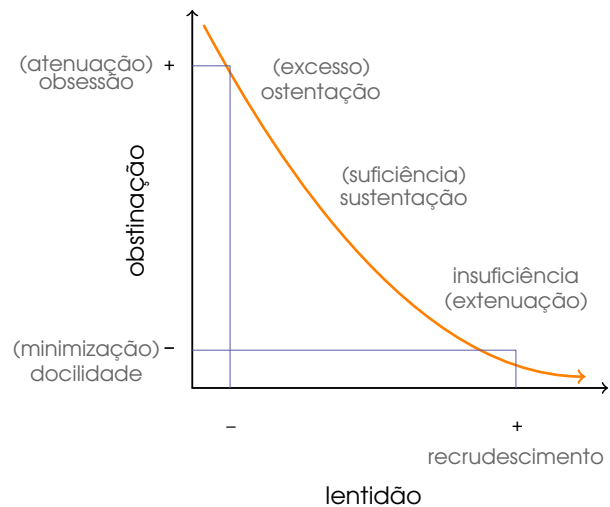


Figura 7: Esquematismo tensivo do sujeito quilombola obstinado.

Conclusão

Considerando a identidade do sujeito semiótico como simulacro ou efeito de sentido, isto é, uma construção textual-discursiva – e não, algo relativo à substância psíquica das pessoas – esse estudo começou com o cotejo do verbete afirmar, em que observamos a aspectualização durativa, cujos classemas da estabilidade e solidez equivalem, sob o crivo do processo, à continuação ou duração. Além disso, a inflexão tensiva foi outro aspecto requisitado, em virtude da intensidade dos afetos, pela força da paixão da firmeza e da extensividade, pela segmentação de um evento, discretizado na sequência de ações de certificar, comprovar, atestar, fixar, estabelecer e, assim, consolidar-se, afirmar-se e auto-afirmar-se, o que acusa a duração. O passo seguinte foi aplicar esses parâmetros de análise, intuídos pela leitura do verbete, ao texto bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas. Antes de aplicarmos esses parâmetros, traçamos linhas isotópicas que, assentes na recorrência dos traços de feminilidade, resistência e sustentação, produzem esses três planos de leitura, no *corpus*, com base na estrutura de iteratividade e pela força da presença dos afetos. Com isso, explicitamos as unidades temáticas, figurativas, narrativas, mas também o tônus da paixão do sujeito obstinado que se move na tensão entre suficiência e insuficiência. São elementos que produzem o efeito de afirmação da identidade, em que a repetição tem grande destaque nesse processo de produção de sentido. ●

Referências

- Bauman, Zygmunt
2005 [2004]. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beividas, Waldir; Ravanello, Tiago
2006. Identidade e identificação: entre semiótica e psicanálise. *Alfa, São Paulo*, 50(1):129-144. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/alfa. Acesso em: 23 de mar. 2014.
- Brasil
Constituição da república federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 de mar. 2014.
- Cunha, Antônio Geraldo da
1991. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- Discini, Norma
2009. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luiz
2009 [1989]. *Elementos de análise do discurso*, 14ª edição. São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luiz
2014. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien
1981 [1976]. *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Greimas
2008 [1979]. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros et al. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1993 [1991]. *Semiótica das paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática.
- Hall, Stuart
2006 [1992]. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 11ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A.
- Harkot-de-la Taille, Elizabeth
2012. *Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensório e a identidade narrativa*. Tese de Doutorado, Tese (Livro-docência) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Houaiss, Antônio
2008 [2001]. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ibsen, Henrik
1949. *Peer Gynt: poème dramatique em cinq actes*. Tradução de M. Prozor. Paris: Librarie Académique Perrin.
- Leite, Ilka Boaventura
2000. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica, Lisboa*, IV(2):333-354. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 13 ago. 2012.
- Leite, Ilka Boaventura
2008. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 16(3):965-977. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/15.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.
- Lopes, Edward
1989/1990. Paixões no espelho: sujeito e objeto como investimentos passionais primordiais. *Cruzeiro semiótico, Porto*, 11/12:154-160.
- Lopes, Edward
2010. Discurso, corpus, texto: explorações. *Coleção Mestrado em Linguística, Franca*, 5:35-52. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/issue/view/54/showToc>. Acesso em: 23 mar. 2014.
- Munanga, Kabengele; Gomes, Nilma Lino
2006. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global.
- Neves, Maria Helena Moura
2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp.
- Propp, Vladimir Yakovlevich
1984 [1928]. *Propp, Vladimir Yakovlevich*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Schmitt, Alessandra; Turatti, Maria Cecília Manzoli; Carvalho Maria Celina Pereira de
2002. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, 10(1). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 13 ago. 2012.
- Silva, Valdério Santos
2000. Rio das rãs à luz da noção de quilombo. *Revista Afro-Ásia, Salvador*, 23:265-293. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br>. Acesso em: 13 ago. 2012.

Vilela, Ilca Suzana Lopes

2012. Fragmento de um discurso (des)passionalizado. *CASA, São Paulo*, 10(1). Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/5275/4281>. Acesso em: 24 out. 2012.

Zilberberg, Claude

2006 [1988]. *Razão e poética do sentido*. Trad. I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: EDUSP.

Zilberberg, Claude

2011 [2006]. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.

Dados para indexação em língua estrangeira

Vilela, Ilca Suzana Lopes

Identity affirmation in the text “Black dolls from the quilombo Conceição das Crioulas”

Estudos Semióticos, vol. 11, n. 1 (2015)

ISSN 1980-4016

Abstract: *In this article, from the perspective of greimasian semiotics, we reflect about the question: what is it and how is produced the effect of sense of the identity affirmation? From theoretical discussion and its impact on the analysis of the text black dolls from the Quilombo Conceição das Crioulas, we observe that the semiotic identity is a simulacrum and to the effect of its affirmation are necessary syntactic elements that can produce repeating that in the discourse of the dolls performs mainly with the use of isotope, aspectualization and tensivity.*

Keywords: *identity affirmation, black dolls from the quilombo Conceição das Crioulas, greimasian semiotics*

Como citar este artigo

Vilela, Ilca Suzana Lopes. Afirmação da identidade no texto “Bonecas pretas do quilombo de Conceição das Crioulas”. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 1, São Paulo, Julho de 2015, p. 53-63. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 10/Janeiro/2015

Data de sua aprovação: 10/Junho/2015
